

Praça da Harmonia: Porto Maravilha e novos usos para os espaços públicos

Reginaldo Ribeiro da Silva¹

Resumo: Este texto pretende apresentar resultados parciais de um estudo etnográfico sobre a existência de múltiplas formas de apropriação da Praça Coronel Assumpção (popularmente conhecida como Praça da Harmonia) e seu entorno, no bairro Gamboa. O bairro localizado na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro vem sendo foco de intensa intervenção urbanística, a Operação Urbana - Porto Maravilha², criada pela Lei Complementar 101/2009, que se utiliza do discurso de “revitalizar” a região portuária do Rio de Janeiro e “reintegrá-la” à cidade. De acordo com Roberta Guimarães (2011) os planos urbanísticos da prefeitura para a região, ou que a afetaram, não começaram com o *Porto Maravilha*, mas fazem parte de um processo histórico que tem suas bases consolidadas no primeiro grande plano urbanístico idealizado para a cidade, que foi a Reforma Pereira Passos, entre os anos 1903 e 1906, demarcando a origem dos projetos urbanísticos nesses espaços.

Palavras-chave: Praça da Harmonia; Porto Maravilha; cultura; urbanização; etnografia.

Nas abordagens iniciais da pesquisa tem-se observado a existência de conflitos e alianças no uso da Praça da Harmonia, protagonizado por diversos grupos. Por exemplo, o Projeto Porto Maravilha tem como uma de suas estratégias de requalificação da área portuária a revalorização do patrimônio cultural imaterial e material³, essa política produz como efeito a

¹ Mestrando PPGA/UFF.

² O Porto Maravilha é uma operação de requalificação urbana que promove o reencontro da Região Portuária com a cidade, os bairros Santo Cristo, Gamboa, Saúde e Caju, lançando novo padrão de qualidade de vida no Rio de Janeiro. Com as mudanças previstas para o município e para a área do Porto Maravilha, a degradação de décadas será revertida na histórica onda de reformas urbanas que servem como referência para outros bairros. <http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/imprensa/pdf/05.pdf>. Acesso 15/03/2014

³ Em seu artigo, “A Exaustão das cidades. Antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas”, sobre planejamento urbano contemporâneo, Rogério Proença Leite (2010), aponta para a revalorização da cultura e do patrimônio com vistas à adequação das cidades ao contexto de “concorrência intercidades”.

proliferação de instituições e indivíduos que se instalam com discursos "locais" e se candidatam a salvadores do patrimônio e cultura, supostamente ameaçados⁴. A chegada de novos agentes ligados às *manifestações culturais* coloca em disputa a legitimidade para o uso do espaço, acionando um discurso de ocupação histórica maior frente ao outro. As observações têm revelado que o de fora e o de dentro é relativo, depende da situação, das alianças, e o discurso de ocupação histórica muitas vezes é um ato de acusação.

Discurso tal, que não é enunciado para um público indiscriminado, mas apenas quando está entre seus amigos próximos, pode ser pensado a partir da cosmologia brasileira referente a explicitação do conflito no espaço público, caracterizada pela negação do conflito, em nome de uma suposta harmonia. Visto como fonte da desordem e de quebra da harmonia, como analisou Kant de Lima⁵ “a sociedade brasileira possui uma estrutura hierarquizada, piramidal, constituída de partes desiguais, mas complementares, esta rejeita a explicitação do conflito, uma força disruptora que ameaça desarrumá-la” (2000, p. 110).

Há também as disputas de quais usos seriam mais nobres, principalmente, entre os moradores de rua, que ocupam o coreto da Praça há décadas, e os moradores que fazem uso para caminhada, namoro, lazer, jogos de dama, festas, entre outros. Além de ponto de uma das estações do VLT, está previsto a implantação de um centro comercial, torres de escritórios e hotéis nas instalações e imediações do Moinho Fluminense, paralelo a Praça, e a construção do Aquário, em uma quadra próxima. O anúncio da chegada desses novos empreendimentos e também de que a Praça será alvo de obras, despertou nos moradores o desejo de discutir junto ao poder público qual seria o melhor projeto para a Praça, desejando que fossem preservadas suas características históricas, como a preservação do coreto e das árvores centenárias.

De acordo com MELLO, VOGEL, SANTOS⁶ (1985) a apropriação do espaço é um processo que faz parte da dimensão do vivido, da experiência cotidiana. Por isso, em seus estudos sobre apropriações coletivas de espaço público, no bairro Catumbi, os autores partem

⁴ Para efeitos da proposta de pesquisa pretende-se ocupar apenas da Praça da Harmonia e seu entorno, mas as disputas em torno da ocupação cultural dos espaços pode se percebida em vários espaços públicos da região.

⁵ LIMA, Roberto Kant de, Em: GOMES, Laura Graziela, Lívia Barbosa [e] José Augusto Drummond (orgs.). O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois. Rio de Janeiro, FGV, pp. 105-124.

⁶ MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *Quando a Rua Vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 2ª. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM; São Paulo: Projeto, 1981 [1980].

do pressuposto da Antropologia, de que espaços contínuos e indiferenciados não fazem sentido. E o que não faz sentido não é passível de apropriação. Sendo necessário que as pessoas atribuam signos às coisas para que possam servir-se delas, delimitando fronteiras e distinguindo funções, historicamente situadas (MELLO, VOGEL, SANTOS, 1985, pág. 67). O que permite perguntar: quais são os sentidos que foram atribuídos a Praça da Harmonia ao longo do processo histórico de urbanização da região, para leitores distintos.

A revitalização da Praça da Harmonia: lugar de cultura e de encontro

Desde o início da ocupação da Baía de Guanabara e a fundação da cidade do Rio de Janeiro por Estácio de Sá em 1565, teve essa região características mais do que propícias para a atividade econômica e portuária, devido às suas condições climáticas e geográficas adequadas, aliadas à extrema exuberância das terras circundantes⁷. A transferência da capital da colônia portuguesa de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763, a vinda da Família Real para o Brasil e a Abertura dos Portos às Nações Amigas, em 1808, intensificou o processo de urbanização da região⁸. A crescente atividade portuária, principalmente, em torno do transporte do café e a transferência do mercado de escravos da Praça XV para o Cais do Valongo, dinamizou a ocupação dos morros e planícies de toda a área circunvizinha, criando as condições para a posterior formação dos três bairros vinculados à atividade portuária: Saúde, Santo Cristo e Gamboa. Durante o século XIX as chácaras foram sendo divididas em lotes urbanos e vários logradouros públicos foram criados.

Um dos logradouros públicos criados é o Largo da Harmonia⁹. Originalmente uma enseada, o local foi aterrado e posteriormente erguido o segundo mercado municipal da cidade em 1855, o Mercado da Harmonia, que recebeu o mesmo nome do local onde foi construído. De acordo do Cardoso et al (1987) o mercado dispunha de um total de 68 cubículos, mas nem todos foram ocupados para a venda de produtos, servindo também de moradia. No contexto da administração do prefeito Barata Ribeiro (1891-1893) marcada pelo combate às habitações coletivas insalubres no centro da cidade, o Mercado foi “convertido em

⁷Cardoso (1987), Mello (2003).

⁸*Idem.*

⁹Cardoso (1987).

cortiço perigoso para a saúde pública”¹⁰ e demolido. Somente na administração Pereira Passos (1902-1906), o local transformou-se em Praça da Harmonia¹¹. No entorno foram erguidos o casario dos comerciantes portugueses, o Moinho Fluminense, 1888, e o Quartel da Marinha, que deu origem ao 5º Batalhão da Polícia Militar. Durante a ditadura militar, no entanto, a Praça da Harmonia foi batizada de Praça Coronel Assumpção.

O nome oficial não é bem aceito pelos moradores, que preferem ainda chamar o espaço de Praça da Harmonia. Mas o coronel Assumpção é o único homenageado com um monumento na praçinha, onde fica o 5º Batalhão da PM. Policial militar, ele lutou na Guerra do Paraguai e depois foi nomeado comandante geral da Polícia Militar da Corte. O batalhão é uma das construções históricas a serem observadas. Em volta ainda há o edifício modernista do Albergue da Boa Vontade, de Afonso Eduardo Reidy e Gerson Pinheiro; e um conjunto de sobrados do início do século X em estilo eclético. Alguns deles abrigam restaurantes e bares.

A bucólica Praça da Harmonia, palco de uma das mais importantes batalhas da Revolta da Vacina, já foi conhecida como Porto Arthur¹². Nas ruínas do antigo Mercado da Harmonia os revoltosos resistiram durante dias até que foram derrotados pelas tropas federais. O atual Quinto Batalhão de Polícia Militar foi construído e toda a área foi urbanizada pelo prefeito Pereira Passos, para apagar qualquer memória da resistência¹³.

Com alguns moradores que já tive contato, a história de ocupação da Praça até os anos 70, e descrita como espaço de encontros dos moradores, desfiles dos blocos de carnaval, encontros do sindicato da estiva, mas destacando os jogos de futebol na Quadra da Praça como referência para os encontros dos moradores. Entretanto em meados dos anos 1970 a Quadra de futebol, importante espaço de sociabilidade da comunidade, foi fechada pelo Comandante do 5º Batalhão, e transformada em *stand* de tiro. Ainda nos anos 1970, depois do fim das obras da Perimetral e a partir dos anos 1980, com a saída de fábricas da região, começou o seu processo de abandono, e a Praça é descrita como sendo utilizada por usuários de drogas e moradores de rua, que ainda hoje dormem no coreto.

¹⁰*Idem.*

¹¹*Idem.*

¹²O Jornal do Comercio da época chamou o lugar de “Porto Arthur”, em alusão a um forte na Manchúria, onde japoneses e russos travavam uma sangrenta batalha.

¹³Edição 1, 2014, do Viva Gamboa, Veículo informativo da Associação de Moradores e Amigos da Gamboa (Amaga), Rio de Janeiro RJ).

Mas com o cenário atual, de visibilidade para Região e para a Praça, novos e velhos usos do equipamento urbano são acionadas, a concepção de cidade *commodities* e os usos antigos, incluindo a ocupação cultural, moradores de rua, e novos usos turísticos, entre outros. De acordo com matéria da Revista O Globo, 12/08/2012, "A praça é do povo: cariocas redescobrem recanto bucólico, com coreto e jardim, escondido no bairro Gamboa"¹⁴, a partir dos anos de 1930, os ensaios dos blocos de carnaval, como o Rancho da Saúde e o Vizinha Faladeira eram realizados na Praça da Harmonia. Entre os anos 30 e 70, foi um espaço de sociabilidade fundamental da região, mas "a partir dos anos 1970 depois do fim das obras da Perimetral, houve um abandono proposital da região pelo poder público, para a expulsão dos moradores e construção de vias alternativas de trânsito". (REVISTA O GLOBO, 12/08/2014).

Localizada no fim da Rua Sacadura Cabral, foi reformada em dezembro de 2011, teve o coreto e os jardins recuperados. Além da reforma da quadra e instalação de uma Academia da Terceira Idade. Essa foi a primeira investida na Praça da Harmonia realizada pela Concessionária Porto Novo, responsável pelas obras do Porto Maravilha, contratada pela prefeitura. Além da manutenção do coreto e dos jardins, a empresa é responsável pela coleta de lixo e pela organização do estacionamento no local. Melhorou a iluminação, limpeza, e diminuiu a população de rua.

De acordo com Maurício Hora, natural do morro da Providencia, fotógrafo engajado em projetos sociais e nas mobilizações dos moradores, diz, "que a praça sempre foi palco de eventos da comunidade, mas com as obras do Porto Maravilha houve um aumento do número de agentes culturais, impulsionados pela possibilidade de recursos".

Em entrevista para a referida matéria, Gabriel Catarino, que na época era presidente da Associação de Moradores e Amigos da Gamboa (Amaga), diz:

Agora isso aqui está muito cheio. É muito bom que os cariocas redescubram este lugar, que é a maior praça arborizada da Zona Portuária, com mais de 300 anos de história [...] Mas o início deste movimento de revitalização não seria possível sem a luta dos moradores, que durante anos brigaram por melhorias da iluminação deste trecho e da recuperação da quadra. [...] As atividades que estão revitalizando a Praça da Harmonia fazem parte do ComDomínio Cultural da Gamboa, uma espécie de associação informal dos grupos que fomentam a cultura local há mais de uma década (REVISTA O GLOBO, 19/08/2012).

¹⁴Disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/clipping/pdf/cl_19_08_12_1.pdf>. Acesso 25/04/2014.

O Jornal o Globo, traz matéria intitulada “Com programação comandada por moradores, praçinha na Zona Portuária vira *point* de festas: Região, na Gamboa, também é destaque em movimentos culturais”, evidenciando a programação produzida por moradores.

Uma praçinha com coreto, clima de interior e cercada de prédios antigos bem no Centro do Rio. Parece imaginação ou coisa dos tempos da vovó. Mas esse lugar existe, sim, e se chama Praça da Harmonia (ou, oficialmente, Praça Coronel Assunção), na Gamboa. No boca a boca, esse pedaço da Zona Portuária vem despertando a atenção dos cariocas pelas festas e movimentos culturais que passou a abrigar. Nada parecido com o que rola na Praça Mauá: lá, não há bares badalados e a programação é comandada por moradores, no maior clima de família (JORNAL O GLOBO, 07/07/2014).

No bojo das intervenções urbanísticas Porto Maravilha, foi criada a Feira de Arte e Cultura da AMAGA (Associação de Moradores e Amigos do Bairro da Gamboa) com o objetivo de movimentar a área com lazer, arte, cultura e convivência, expondo a produção de artesãos dispostos a participar ativamente do atual processo de revitalização. O evento que acontece aos segundos sábados de cada mês é descrito como fomentador de artesanato, atividades culturais, sociais e entretenimento. De acordo com o presidente da Associação de Moradores e amigos da Gamboa – AMAGA:

Começamos a pensar a feira quando percebemos efeitos da valorização do bairro com a revitalização. Diante dessa nova fase que a região vive, resolvemos criar um projeto que transformasse a Praça da Harmonia em um “point” da Gamboa. Falta isso ao bairro, e os moradores precisam de um ponto de referência de lazer e cultura. A Praça da Harmonia é perfeita para isso (Jorge Oliveira, presidente da AMAGA).

Importante ocupação da praça é realizada pelo Bloco Cordão do Prata Preta, agremiação carnavalesca fundada em 15/11/2004 com o intuito de revitalizar o carnaval de rua na Zona Portuária. Homenageia o capoeira Horácio José da Silva, o Prata Preta, que se destacou na Revolta da Vacina, em 1904 mobilizando muitos moradores da Saúde, contrários a vacinação obrigatória e em defesa de sua cultura e tradições. Para os dirigentes do Bloco, o Prata Preta é o Zumbi do bairro da Saúde. Recentemente o Bloco começou com o discurso de que a Praça é sua sede a céu aberto, fixando uma placa no coreto da Praça, com os dizeres: "Sede a Céu aberto do Bloco Prata Preta, viva o Zumbi da Saúde".

Esse grupo nomeia o bairro como Saúde, administrativamente é bairro Gamboa, mas alguns moradores que se consideram bairristas não aceitam o nome, continuam a chamar do nome antigo, em referência ao morro da saúde, onde se localiza a Igreja de Nossa Senhora da Saúde. Começaram a movimentar de fato o lugar, atraindo gente de fora da região, há cerca de três anos, junto com o *boom* que atraiu os olhos dos cariocas para a Zona Portuária. Além de

ensaio e desfile do bloco, há organização de festa junina e rodas de samba. Nesse meio tempo, outro grupo passou a ocupar o espaço, os Velhos Malandros, que todo terceiro domingo do mês promove feira de artesanato afro, roda de samba e jongo, sempre com convidados.

Há o grupo de teatro de rua, Cia. Mistérios e Novidades que usa o espaço para seus ensaios e apresentações de pernas de pau. Tem como sua diretora Ligya Veiga, que realiza encenações de temas relacionados a história cultural da região. Outro importante movimentador desse equipamento público é o Sindicato da Estiva, principalmente com as edições do Bingo. Assim, como o Bloco do Prata Preta, os Estivadores também gostam de utilizar o nome Saúde, no lugar de Gamboa. É o evento com uma característica popular, de associados estivadores com suas famílias, marcando uma distinção com relação ao público dos outros eventos, em que percebemos que a maioria é de jovens da classe média, muitos da zona sul do Rio. Há ainda churrasco de moradores, jogos de futebol na quadra, idosos na academia da terceira idade, casais namorando, gente passando o tempo, adolescentes, crianças brincando, trabalhadores descansando na hora do almoço, pelo menos uma dezena de moradores de rua que dormem no coreto. Além da presença dos operários que trabalham nas obras de requalificação utilizando o equipamento. Entre outros usos.

Com as obras do Porto e as consequentes mudanças no trânsito, aumentou o problema da falta de lugares para estacionar os carros, o que gerou outras discussões entre transeuntes e o uso das calçadas da Praça como estacionamento. Há também as disputas de quais usos seriam mais nobres, principalmente, entre os moradores de rua, que ocupam o coreto da Praça há décadas, e os moradores que fazem uso para caminhada, namoro, lazer, jogos de dama, festas, entre outros. Ocorre também, eventuais churrasco organizado por moradores nas laterais da Praça regado a música em volume alto e apresentação teatral na Praça. Nas imediações ainda há vários bares, às vezes tem gerando reclamações de alguns, por causa do som alto. Importante perceber, que há possibilidade de que muitos dos conflitos já existissem na vizinhança, mas foram ampliados com o novo cenário. Nesse sentido, pretende-se pensar a ocupação do espaço, também, como um ato de poder.

A estratégia de requalificação da área portuária através da revalorização do patrimônio cultural imaterial e material, produziu como efeito a proliferação de instituições e indivíduos que se instalam com discursos "locais" e se candidatam a salvadores do patrimônio e cultura, supostamente ameaçados. Além dos moradores, antigos *agentes culturais*, mas

também outros que se tornaram agentes culturais agora, que desejam se apropriar do processo de requalificação da área, principalmente, com o uso cultural do equipamento urbano.

A própria manipulação do discurso, ao dizer que aquilo que ele (indivíduo ou coletivo) faz é cultura da região. Relacionando sua prática a história (reelaborando a história) do lugar. Às vezes colocando a si como patrimônio, por ser usuário antigo, deveria ser *preservado* em relação ao chegante, o de fora que foi atraído pela onda das obras públicas. Nesse caso, a importância da dimensão da afetividade que permeabiliza as relações interpessoais, dependendo de suas relações interpessoais e das circunstâncias a categoria de dentro e de fora não é estática. E a própria afetividade com o lugar, quando reivindicam a prioridade ao uso do lugar.

A transformação da praça em um espaço social, em que é difícil ter um fim de semana sem eventos, de manifestações culturais, sejam eles: feiras de artesanato e gastronomia, roda de samba, festa junina, roda de jongo, apresentações teatrais, espetáculos de música, blocos de carnaval, e assim por diante, levou mais movimento para o bairro, novos frequentadores, muitos da zona sul da cidade, que movimentam a Praça, mas também os bares e restaurantes. Como consequência surgiu novos bares, mas também vendedores ambulantes, no entorno da Praça, e quem tem direito de colocar barraca já vira motivo de disputa.

Grandes empreendimentos no entorno da Praça

No contexto de revitalização há a previsão de um projeto de intervenção urbanística para a Praça da Harmonia. A primeira intervenção na Praça pelo Projeto Porto Maravilha aconteceu em final do ano de 2011. Com melhoria na iluminação e aumento da presença da guarda portuária, que diminuiu a presença de moradores de rua, o consumo de drogas e relações sexuais no coreto da Praça. Mas afirma que ainda é pouco. É preciso mais iluminação e maior presença dos guardas portuários. E a retirada efetiva dos moradores de rua do coreto.

Mas relatam a necessidade de somar forças com todos os possíveis aliados para lutar pela manutenção de suas características. Sabe-se que a prefeitura tem planos de realizar uma obra e que seria necessário que a mesma ficasse fechada durante 4 meses, mas sem previsão para serem iniciadas. Muitos têm críticas ao modelo de reforma realizado no Cais do Valongo e com o Largo São Francisco da Prainha. “Onde ocorreu retirada dos bancos, troca das

árvores e concretamento do chão”. Segundo ele, “esses locais foram transformados em lugares de passagem, reivindicando que uma praça deve ser um lugar de encontro”. Lembram que, na reunião com a Prefeitura em agosto do ano de 2013, ouviram que uma das propostas era a troca das árvores da Praça. A justificativa era que as atuais árvores não são típicas do litoral carioca. Por isso, deveria trocar as árvores centenárias por árvores típicas. As cidades *commodities* necessitam, além de oferecer serviços tidos como universais como museus futurísticos, distinguir-se com a oferta de marcadores culturais locais, numa suposta *identidade* da cultura da cidade/país, sua flora e fauna não escapa desse ideal.

Silvania Fonseca é mais um agente cultural da região. É moradora há 35 anos da Gamboa. Atualmente trabalha com o projeto Tramas do Porto¹⁵. Uma grife de roupas com bordados sobre histórias da Região Portuária, notadamente voltada para símbolos da herança africana como as rodas de capoeira, a Pedra do Sal, o Cais do Valongo, rodas de samba, blocos de carnaval, entre outros. Juntamente com outros moradores, organizou um abaixo assinado contendo mais de 700 assinaturas de moradores que desejam a manutenção das características da Praça da Harmonia. Esse abaixo assinado começou no início do ano, reuniu assinaturas até meados de maio, mas ainda não foi encaminhado a Prefeitura/CDURP. Avisou da importância da Petição Pública¹⁶ que foi iniciada em janeiro de 2014. Transcrevo texto da petição pública.

Exmo. Sr. Prefeito da cidade do Rio de Janeiro - Exmo. Sr. Presidente da CDURP

Nós, moradores e amigos da Região Portuária, solicitamos:

- 1) Que a Praça Coronel Assunção volte a ser chamada de Praça da Harmonia.
- 2) Que a Praça Coronel Assunção, a nossa Praça da Harmonia não perca a sua originalidade em função das obras realizadas pela Porto Novo (Coreto, arborização, etc)
- 3) A reintegração da área do stand à Praça com construção de uma Concha Acústica pra os eventos da Região.

Sobre os pedidos listados na petição, dois precisam ser esclarecidos. O item dois (02) não fala especificamente do piso da praça. Mas o abaixo assinado inclui a desejo de manutenção do piso de terra batida/saibro. Recusando o tipo de piso que foi aplicado no Largo São Francisco da Prainha e ao Cais do Valongo. O item três (03) o *stand*, se refere a

¹⁵<https://www.facebook.com/TramasdoPorto?fref=ts>.

¹⁶<http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR60137>

uma parte significativa da Praça que foi cedida por regime de concessão à Polícia Militar nos anos da ditadura militar no país. Essa área possui um stand de tiro e uma quadra de futebol. A ideia é impedir que o contrato de concessão seja renovado.

Nesse sentido verificam-se processos sociais que concorrem para que a Praça da Harmonia seja demarcada como possuidora de singularidades frente a outros espaços urbanos? Esse fenômeno se desdobra na construção de marcos de referência para a memória coletiva? O projeto apresentado aos moradores no ano de 2013 havia a possibilidade de troca das árvores, utilizado argumento que as mesmas, que são centenárias no lugar, não são árvores típicas do litoral carioca, devendo ser trocadas dentro do ideal da revitalização com marcada valorização cultural para distinguir ‘cidades globais’¹⁷ numa suposta concorrência internacional entre cidades.

Silvania falou também do grupo criado, por ela e por sua amiga, Monica Valverde, em janeiro de 2014, no Facebook “Eu Amo a Praça da Harmonia”¹⁸. Atualmente o grupo possui 398 membros. A partir de uma busca rápida na página do grupo pode se verificar que ela foi usada para a divulgação da petição e, principalmente, de eventos na Região Portuária. Entretanto, durante o mês de maio, quando havia os *burburinhos* nas calçadas de que as obras estavam prestes a serem iniciadas, Silvania publicou diversas fotos com legendas do tipo:

Praça da Harmonia. Oportunidade do encontro dos amigos com a arte e o lazer
Verdadeiro clima de harmonia e alegria;

Participe dessa luta! Harmomize-se com a gente!; Assinem a petição pública!;

A praça é nossa.; Já pensou se isso acaba?! Harmonize-se!;

Lute com a gente! Assine!;

Harmonize-se com a gente!;

Participe dessa luta!.

Essa movimentação em torno da defesa da Praça como espaço de lazer, intervenções culturais e de encontro, deve ser pensada também junto com a proposta que a Prefeitura idealiza para a área. No seu projeto de revitalização da Zona Portuária carioca, declara que as atividades que historicamente caracterizam as diversas sub-regiões da Zona Portuária devem ser respeitadas. Nesse sentido, afirma que a ocupação da área será priorizada através do

¹⁷Saski Sassen (1998, 1999).

¹⁸<https://www.facebook.com/groups/1384903441771051/>

reforço do que já existe em cada sub-região. Na Praça da Harmonia e seu entorno, destacada na imagem abaixo em verde, estaria no limite da área considera de vocação comercial para a de vocação residencial, para a Prefeitura.



Foto I: Mapa com as características de cada sub-região, segundo a Prefeitura.

Localizada no núcleo denominado Saúde, compreendido entre o Morro da Saúde e Rua Leôncio de Albuquerque (a oeste) e a Avenida Barão de Tefé (leste), e entre o Cais da Gamboa (ao norte) até a Rua do Livramento (sul). Com expressiva concentração de armazéns e outras instituições, como o Hospital dos Servidores e a Fundação Darcy Vargas. Conjunto arquitetônico importante e preservado que abriga o complexo do Moinho Fluminense, sobrados e casas do Morro da Saúde e a igreja (1742) do mesmo nome, bem tombado nacional.

A presença da Igreja da Saúde ajuda a compreender porque alguns moradores ainda preferem chamar o bairro de Saúde, ao invés de Gamboa, uma das mais antigas do Rio e que se encontra restaurada e em uso, é um elemento importante do local. “Apesar de administrativamente esta região estar inserida no bairro da Gamboa, registros históricos indicam que o bairro da Saúde ia até o morro homônimo”. Todo o núcleo deverá ser impactado pela passagem da nova via Binário do Porto, que irá cruzá-lo longitudinalmente, pretendo "arejá-lo" e integrá-lo à vizinhança.



Foto II: Núcleo Saúde com seus equipamentos culturais, segundo a Prefeitura.

Ponto	Nome	Categoria
68	Cia de Mistérios e Novidades	Cinema / Teatro / Espetáculos
69	Batalhão da PM	Interesse Arquitetônico
70	Igreja N.Sra. da Saúde	Igreja / Espaço Religioso
71	Arco e Silo Moinho Fluminense	Interesse Arquitetônico
72	Cemitério dos Pretos Novos	Sítio Histórico
73	Praça da Harmonia	Parque / Praça
74	Porto Saúde	Bar / Restaurante
75	AquaRio	Museu
76	Pinturas retratando indígenas	Painéis / Pinturas
77	Pinturas de Nilton Bravo	Painéis / Pinturas
78	Moinho Fluminense	Interesse Arquitetônico

Em matéria recente, na página de economia do Jornal O Globo¹⁹, noticia que o Moinho Fluminense aberto desde 1887, vai virar centro comercial em 2018. O novo projeto ainda passará pelo crivo dos órgãos municipais, mas prevê, até agora, cerca de 85 mil metros quadrados de escritórios e 11 mil metros quadrados de um shopping center nas imediações da Rua Sacadura Cabral e da Praça da Harmonia. Os prédios históricos tombados pelo município foram vendidos no fim do ano passado para a Vinci Partners, numa negociação com a Bunge, proprietária do moinho desde 1914. Os idealizadores do projeto Porto Maravilha aposta que uma visita ao futuro shopping poderá facilmente ser parte do programa de quem for aos novos museus da região, ao AquaRio, ou ao Boulevard que esta prevista para ocupar o terreno da Perimetral.

O imóvel mais antigo, de 1887, com linguagem arquitetônica de prédios industriais ingleses do século XIX, com tijolinhos ordenados harmonicamente e recentemente restaurados. O prédio original e os outros edifícios que foram construídos ao longo dos anos serão transformados num dos maiores centros comerciais da cidade, com escritórios, um novo prédio e um shopping no lugar hoje usado para moagem, armazenamento e distribuição da farinha. Mas todas as fachadas serão preservadas. Segundo fontes ligadas à negociação, o investimento total se aproxima de R\$ 800 milhões, entre a compra dos imóveis e a reforma, que deve ser concluída em 2018 (JORNAL O GLOBO, 25/02/2014).

Reforçando o discurso de área subutilizada, Ancelmo Goes escreveu uma matéria em seu blog, no mês de agosto do corrente ano, intitulada a “Vida Volta ao Moinho” com imagens mostrando como será o futuro complexo multiuso no Porto do Rio, no lugar onde ainda funciona o majestoso Moinho Fluminense, o novo empreendimento deverá começar a funcionar em 2016. No espaço de 80 mil m², haverá escritórios, hotel e um shopping. Além disso, o projeto da RAF Arquitetura inclui a construção de um prédio de 23 andares.

Alguns moradores acreditam que a chegada do centro comercial para o entorno da Praça poderá provocar um aumento dos preços dos produtos oferecidos pelo comércio local, além e continuar aumentando os aluguéis dos imóveis. Céticos, acreditam que a presença do centro comercial não irá permitir a manutenção das características da Praça, principalmente o seu piso de saibro e do coreto. Por enquanto não se tem notícia de quando serão efetivamente iniciadas as obras. Estavam previstas para início no segundo semestre de 2014, mas não iniciaram. Mas há o receio de que ela comece a qualquer momento e que não seja dado tempo suficiente para discutir o projeto oficial de obra proposto pela prefeitura, ainda desconhecido dos moradores.

¹⁹http://portomaravilha.com.br/web/esq/clipping/pdf/cl_19_08_12_1.pdf .

Apontamentos para estudos mais aprofundados

Parte-se do pressuposto da cultura como um sistema simbólico, como discutido por (GEERTZ, 1989). Uma regra só é legítima quando pública, isto é, quando é compartilhada e apreendida pelos atores como tal. Ou seja, quando a mesma é inteligível para o conjunto. Por isso, as ações de um, devem fazer sentido para o outro: aquilo que é considerada um uso *nobre* da Praça; uma forma de apropriação correta; quem tem direito, ou mais direito, de uso; como deve ser a futura reforma da Praça - é reveladora dos significados que informam as ações dos atores na vida em comum, pois sua legitimidade é sustentada pelas crenças nas regras estabelecidas. Portanto, os indivíduos ou grupos não fazem nada além de jogar com os 'recursos simbólicos' a fim de 'construir a realidade social' com fins estratégicos. Eles devem respeitar os constrangimentos da justificação de suas ações em público, que variam segundo os lugares e os momentos de suas performances.

Esse pressuposto nos conduz a pergunta: quais são os "recursos simbólicos" que os atores manipulam, no curso de suas ações, para acessar, ocupar e se identificar com o equipamento urbano, Praça da Harmonia? Incluindo os grupos culturais, a prefeitura, os moradores, os moradores de rua, a associação de moradores, os sindicatos, e todos aqueles que de alguma maneira relacionam com a Praça.

Qual a dimensão da afetividade nas relações com a Praça e nas relações e interpessoais desses atores, na hora de emitir o discurso de quem tem mais direito de se apropriar do equipamento público?

A proposta de Kant de Lima (2000, pág. 106) de problematizar a questão do espaço público, não apenas em relação a sua propriedade – “se pública ou privada, mas em relação às formas de sua apropriação – se universalizantes ou particularizantes”, pode é uma possibilidade de perspectiva para a pesquisa? Ao caracterizar o domínio do público no Brasil, o autor interpreta que:

seja moral, intelectual ou até mesmo o espaço físico – é controlado pelo Estado, de acordo com ‘suas’ regras, de difícil acesso e, portanto, onde tudo é possivelmente permitido, até que seja proibido ou reprimido pela ‘autoridade’, que detém não só o conhecimento do conteúdo, mas principalmente a competência para interpretação correta da aplicação particularizada das prescrições gerais, sempre realizadas através de formas implícitas e de acesso privilegiado (pág. 109).

Como as características de um sistema de controle social, submetido a regras gerais, como no brasileiro, de acesso particularizado, de acesso privilegiado a informação, das relações interpessoais, permeiam as formas de apropriação dos equipamentos públicos?

Referências:

CARDOSO, Elizabeth Dezouart et al. Saúde, Gamboa, Santo Cristo. Riode Janeiro: João Fortes Engenharia/Editora Index,1987. (História dos Bairros).

CORREIA, Mayã. **Entre portos imaginados: construções urbanísticas pensadas a partir do projeto Porto Maravilha, cidade do Rio de Janeiro.** São Paulo. Dissertação USP/FFLCH/PPGAS, 2013.

GAFFNEY, Christopher. Forjando os anéis: A paisagem imobiliária pré-Olímpica no Rio de Janeiro *Forging the Rings: Rio de Janeiro's pre-Olympic real-estate landscape.* n° 15 ▪ ano 4 | dezembro de 2013. Revista eletrônica *e-metropolis*.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio. **A utopia da Pequena África. Os espaços do patrimônio na Zona Portuária carioca.** Rio de Janeiro. Tese: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2011.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1961].

LEITE, Rogério Proença. **A Exaustão das cidades. Antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas.** (2010)

LIMA, Roberto Kant de, Em: GOMES, Laura Graziela, Lívia Barbosa [e] José Augusto Drummond (orgs.). **O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois.** Rio de Janeiro, FGV, 2000, pp. 105-124

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Quando a Rua Vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.** 2ª. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM; São Paulo: Projeto, 1981 [1980].

MELLO, Fernando Fernandes de. **A Zona Portuária do Rio de Janeiro: antecedentes e perspectivas.** Dissertação IPPUR. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional Universidade Federal do Rio de Janeiro. Março de 2003.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

VASSALLO, Simone Pondé. Desenterrando memórias: uma análise das disputas em torno de sítios arqueológicos afrodescendentes na Zona Portuária do Rio de Janeiro. **ANPOCS**, 2012.

Outras fontes:

http://portomaravilha.com.br/web/sup/porto_maravilha_cultural.aspx

<http://comdominiocultural.blogspot.com.br/2013/09/comdominio-cultural-da-regiao-portuaria.html>

<http://blogportomaravilha.com/category/eventos/>

http://www.portomaravilha.com.br/conteudo/legislacao/2010/05/LC102_-_23112009_-_CDURP.pdf

<http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR60137>

<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0981/noticias/quero-ser-barcelona?page=2>